

PARALELOS ENTRE AVES, PARALELOS ENTRE ÁRVORES: O SÍMBOLO JUNGUIANO EM LOURIVAL AÇUCENA E AUGUSTO DOS ANJOS

Alexsandro Lino da Costa (UFRN)

RESUMO: Neste artigo, elaboramos uma leitura comparada entre os poetas brasileiros Lourival Açucena e Augusto dos Anjos. O critério de escolha dos poemas para análise foi a temática das aves e das árvores. Observaremos como cada eu lírico trata o tema, destacando tanto as semelhanças quanto as diferenças, em um diálogo que tende a enriquecer a interpretação literária. Para tanto, ancorar-nos-emos em algumas considerações sobre os *símbolos*, elaboradas por Carl Gustav Jung, em “Chegando ao inconsciente”, capítulo central de *O homem e seus símbolos*. Trata-se de um trabalho bibliográfico, analítico e interpretativo.

Palavras-chave: Literatura potiguar; Literatura brasileira; Lourival Açucena; Augusto dos Anjos; Jung.

ABSTRACT: In this paper, we make a comparative reading between the Brazilian poets Lourival Açucena and Augusto dos Anjos. The reason for selection of the poems for analysis was the theme of birds and trees. We will observe how each voice in the poems deals with the theme, highlighting the similarities and the differences in a dialogue that tends to enrich the literary interpretation. Therefore, we will anchor in some considerations about the *symbols*, developed by Carl Gustav Jung, in “Coming to the unconscious”, central chapter of *The man and his symbols*. This is a bibliographic, analytical and interpretative work.

Keywords: Potiguar literature; Brazilian literature; Lourival Açucena; Augusto dos Anjos; Jung.

OS POEMAS ESCOLHIDOS

De Lourival Açucena, optamos por “A uma mangueira” e “Eulina”; e de Augusto dos Anjos destacamos “Debaixo do tamarindo”, “Vozes da morte”, “A árvore da serra”, “A floresta”, “Minha árvore”, “Asa de corvo”, “Ave dolorosa” e “O canto da coruja”. Haja vista o número de poemas selecionados, vamos tomá-los de forma mais geral, sem nos determos em uma análise pormenorizada. Ressaltamos ainda que, considerando Augusto dos Anjos em sua obra completa, o número de seus poemas em

que aves e árvores surgem como tema principal ou secundário é muito maior; contudo, devido à limitação da extensão deste texto, optamos por não registrá-los todos aqui – uma antologia temática seria plenamente possível.

OS AUTORES

Lourival Açucena, pseudônimo de Joaquim Eduvirges de Mello Açucena (1827-1907), natalense pós-romântico, “[...] cantor de modinhas, teve a primazia da voz nas festas e solenidades, durante 60 anos” (ARAÚJO, 2004, p. 95) na capital potiguar. A designação de “pós-romântico” deve-se ao fato de o poeta apresentar traços do Romantismo: ainda que não estivesse inserido no período histórico dessa escola literária, pode-se atribuir a ele características psicológicas do movimento, as quais não estariam limitadas a amarras temporais, podendo ser observadas tanto antes quanto depois da delimitação cronológica do Romantismo.

“Lourival era a alma alegre da cidade. Improvisador de festanças, tirada de ‘Reses’, sonetista aos numes da época, marcador de quadrilha, artista dramático, fazedor de brindes, compadre de meio mundo, respeitado e cortejador” (CASCUDO, 1986, p. 25-26 *apud* ARAÚJO, 2004, p. 95).

Augusto dos Anjos (1884-1914), paraibano, é poeta de ruptura: abala profundamente os padrões parnasianos e abre espaço para o Modernismo brasileiro. Mantendo-se majoritariamente na forma do soneto, é sua temática que desestabiliza: ele introduz no mundo lírico coisas que eram mantidas a uma distância segura: a substância em decomposição, a ruína, os excluídos da sociedade, o bizarro, o repulsivo, obtendo uma poesia cujo valor estético é impactante.

O SÍMBOLO

A psicologia junguiana dá grande importância aos símbolos; acredita que, por meio deles, o inconsciente envia “mensagens” ao consciente, seja por meio dos sonhos, seja por estados meditativos. “A linguagem e as ‘pessoas’ do inconsciente são os símbolos, e os meios de comunicação com este mundo são os sonhos” (FREEMAN, 2008, p. 9).

Jung (2008, p. 83-84), postula a existência dos arquétipos: um vínculo natural entre os homens, que caracterizaria a espécie humana e seria uma condição biológica inata. Os arquétipos “[...] se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo

– mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por ‘fecundações cruzadas’ resultantes de migração”, e “os símbolos arquetípicos vêm de uma base coletiva milenária da psique”.

Assim, independentemente de distâncias espaciais e temporais, o homem teria experiências comuns com outros e os símbolos seriam também comuns a toda a humanidade, constituindo-se na linguagem humana. Daí a relevância de interpretar a simbologia que percorre os poemas selecionados, sabendo-se que o “[...] homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja comunicar. Sua linguagem é cheia de símbolos” (JUNG, 2008, p. 18). Para o psicanalista,

[...] símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.

Ressaltamos que o fato de os símbolos se encontrarem em um poema – ou em outra forma de arte – amplifica seu poder expressivo, por estarem em um âmbito mais livre, como o é o artístico. Sendo a arte uma seara mais opulenta e expressiva do que nossa vida prosaica, os símbolos nela contidos tendem a ser, por extensão, ainda mais ricos e expressivos, já que:

[...] uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão (JUNG, 2008, p. 19).

O que Jung (2008) nomeia como **arquetipo** (ou “imagens primordiais”) é chamado por Freud de “resíduos arcaicos”, entendidos, segundo Jung (2008, p. 82), como “elementos que não são individuais e nem podem fazer parte da experiência pessoal”, ou ainda como “formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano”.

A distinção entre **inato** e **adquirido** – bem como entre **consciente** e **inconsciente** – faz-se relevante para a compreensão do conceito de **arquetipo**, pois,

[...] se os arquétipos fossem representações originadas na nossa consciência (ou adquiridas por ela), nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e nos espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma *tendência* instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias (JUNG, 2008, p. 83, grifo do autor).

A mitologia ilustra muito bem o funcionamento dos arquétipos. Em uma pesquisa simples, percebemos as múltiplas semelhanças existentes entre as mitologias de inúmeros povos, estejam eles distantes historicamente e/ou geograficamente. Dessarte, indígenas brasileiros, por exemplo, possuem lendas em comum com povos nórdicos, sem que tenha havido contato entre eles. Os mitos bíblicos também estão presentes nas mitologias de alguns povos:

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens (JUNG, 2008, p. 19).

O símbolo seria, então, uma solução encontrada pelo homem para buscar entender algo que lhe foge da compreensão; entretanto, mesmo assim, continua fugidio de seu entendimento, pois o homem, segundo Jung (2008, p. 21), “[...] como podemos perceber ao refletirmos um instante, nunca percebe plenamente uma coisa ou a entende por completo” e essa restrição ocorre porque os “sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo à sua volta”, visto que nossos sentidos são, naturalmente, limitados e que “há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade”.

Portanto, não sendo possível compreender o mundo totalmente por meio dos aspectos conscientes da mente, faz-se necessário conhecer as manifestações do inconsciente por meio dos símbolos, os quais contribuem para um entendimento mais completo da realidade que nos cerca.

A simbologia oriunda das árvores e das aves revelaria, então, a forma de o eu lírico (ou do poeta, para aqueles que buscam interpretações biográficas, o que não é nossa intenção aqui) expressar suas percepções, seu estado anímico, seu modo de ver o mundo, e a recorrência desses símbolos ratificaria a possibilidade de múltiplas interpretações, visto que, em diferentes poemas, pode surgir o mesmo símbolo, porém

COSTA, A. L. Paralelos entre aves, paralelos entre árvores...

com diferentes significados, estando associados a distintas representações e estabelecendo relações igualmente diversificadas, ainda que, por vezes, os paralelos se cruzem em simbologias afins, revelando ocasionais aproximações possíveis.

Tal variação é prevista dialeticamente por Jung, o qual explicita que o mesmo símbolo pode representar, para diferentes indivíduos, tanto coisas distintas quanto semelhantes. Caberia ao intérprete julgar os símbolos em suas semelhanças e diferenças, evitando-se o automatismo de tomá-los como tradutores imutáveis, já que sua variação é múltipla, individual e subjetiva, ainda que estejam sedimentados em uma estrutura arquetípica comum.

UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE ÁRVORES

Em “A uma mangueira”, poema de Lourival Açucena, uma árvore é tomada como testemunha dos amores do eu lírico. Por meio dela, há uma rememoração do passado, recordado com saudosismo. À imagem da árvore, associam-se momentos de prazer e bem-estar, como se pode perceber facilmente:

A UMA MANGUEIRA

Copada mangueira,
Vistosa e faceira,
Que do rio à beira
Se vê florear.

Me lembras o dia
De amor e folia,
Em que terna ouvia
Marília cantar.

Que belos folgares,
Que lindos esgares,
Que ternos olhares
Eu vi junto a ti.

Que gratas ledices,
Que mil garotices,
Que amor, que meiguices
Então eu fruí.

Na tua ramagem
Por entre a folhagem
Vinha a doce aragem,
Branda, respirar.

Também no enredo
Do mago brinquedo,
Marília em segredo...
Ouvi suspirar.

Sentada na areia,
Cantava a sereia,
Mostrando-se cheia
De gosto e prazer.

Porém, no entanto,
Visei com espanto,
As gotas de um pranto
Marília esconder.

Mistério de amores
Que envolvem pudores
De riso e de dores
Cantar eu não sei.

Só sei que a doçura
D'afeição mais pura
Da sombra à frescura
Ditoso libei.

Amores, afetos,
Carinhos seletos,
Afangos diletos
Me viste gozar.

Mas, disto somente
Conservo na mente
Lembrança pungente,
Que fere a matar.

Frondosa mangueira
Altiiva e faceira
Que dita ligeira
Me vens recordar!...

Não lembres o dia
De tanta alegria
Em que me sentia
Num anjo a cantar.

(AÇUCENA, 1986)

É imediata a associação que se faz com o Arcadismo, pois o objeto amoroso do eu lírico, Marília, remete-nos diretamente à Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga. No poema de Lourival, há bucolismo, o *fugere urbem*, há o pastor que canta à sua amada, há o *carpe diem*: “Me lembrás o dia/ De amor e folia,/ Em que terna ouvia/

Marília cantar./ Que belos folgares,/ Que lindos esgares,/ Que ternos olhares/ Eu vi junto a ti./ Que gratas ledices,/ Que mil garotices,/ Que amor, que meiguices/ Então eu fruí”. Certa leveza é alcançada com a próclise “Me lembrás” e com a brevidade e a simplicidade desses pentassílabos (redondilha menor), como se uma extensão supérflua fosse rejeitada (*inutilia truncat*): cinco sílabas poéticas são suficientes para a expressão do poeta.

A musicalidade se avulta por meio da regularidade das rimas que constituem cada estrofe: emparelhadas nos três primeiros versos; alternadas em duplas nos quartos versos de estrofes consecutivas. Tal simetria espelha a harmonia buscada pelos árcades. Assim, em “A uma mangueira”, espécie de ode, Lourival revelaria um Arcadismo tardio, e seria – não histórica, mas psicologicamente – um pós-árcade.

Já em “Debaixo do tamarindo”, poema de Augusto dos Anjos, o estado anímico do eu lírico é carregado de pesar, de um desconforto que perpassa toda a vida e que deve culminar na morte:

DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

(ANJOS, 2011, p. 305)

Comparando os poemas, percebemos que a imagem da árvore é um tanto oposta. Sendo ambas frutíferas (mangueira, tamarindo – metonímia para tamarineiro), às quais popularmente associam-se fertilidade, fartura e vida, em Augusto dos Anjos a ofuscantemente clara percepção da morte em um futuro inevitável leva ao desejo de

escolher a árvore como um lugar de repouso eterno, sendo **sombra** um codinome para **alma**: “Voltando à pátria da homogeneidade,/ Abraçada com a própria Eternidade/ A minha sombra há de ficar aqui!”.

Em Lourival Açucena, a imagem do deleite contagia a árvore, testemunha ocular dos prazeres do eu lírico: “Amores, afetos,/ Carinhos seletos,/ Afagos diletos/ Me viste gozar”. Dessa forma, o eu lírico anjosiano reserva a árvore como repouso para o pós-morte, enquanto que o de Açucena a utiliza como um porta-retrato, um lugar para depositar lembranças agradáveis, ainda que essa “Lembrança pungente” seja algo que “fere a matar”.

A seguir, seguem-se quatro sonetos anjosianos cuja temática envolve não só a árvore, mas também a natureza de uma forma mais geral.

VOZES DA MORTE

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!

(ANJOS, 2011, p. 46)

A ÁRVORE DA SERRA

– As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

– Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...

Esta árvore, meu pai, possui minha'alma!...

– Disse – e ajoelhou-se, numa rogativa:
 “Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”
 E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
 O moço triste se abraçou com o tronco
 E nunca mais se levantou da terra!

(ANJOS, 2011, p. 90)

A FLORESTA

Em vão com o mundo da floresta privas!...
 – Todas as hermenêuticas sondagens,
 Ante o hieroglifo e o enigma das folhagens,
 São absolutamente negativas!

Araucárias, traçando arcos de ogivas,
 Bracejamentos de álamos selvagens,
 Como um convite para estranhas viagens,
 Tornam todas as almas pensativas!

Há uma força vencida nesse mundo!
 Todo o organismo florestal profundo
 É dor viva, trancada num disfarce...

Vivem só, nele, os elementos brancos,
 – As ambições que se fizeram troncos,
 Porque nunca puderam realizar-se!

(ANJOS, 2011, p. 142)

MINHA ÁRVORE

Olha: É um triângulo estéril de ínvia estrada!
 Como que a erva tem dor... Roem-na amarguras
 Talvez humanas, e entre rochas duras
 Mostra ao Cosmos a face degradada!

Entre os pedrouços maus dessa morada
 É que, às apalpadelas e às escuras,
 Hão de encontrar as gerações futuras
 Só, minha árvore humana desfolhada!

Mulher nenhuma afagará meu tronco!
 Eu não me abalarei, nem mesmo ao ronco
 Do furacão que, rábido, remoinha...

Folhas e frutos, sobre a terra ardente
Hão de encher outras árvores! Somente
Minha desgraça há de ficar sozinha!

(ANJOS, 2011, p. 170)

Em “Vozes da morte”, o **tamarindo** é retomado, havendo uma intensa identificação com o eu lírico, o qual envelhece juntamente com a árvore (“Tu, com o envelhecimento da nervura,/ Eu, com o envelhecimento dos tecidos!”) e dialoga com ela (note-se o vocativo “meu velho!”). Entretanto, ainda que haja a morte como fato inevitável, surge uma esperança no futuro, no qual ambos, eu lírico e tamarindo, serão perpetuados por meio das sementes da árvore: “Pelo muito que em vida nos amamos,/ Depois da morte, inda teremos filhos!”.

Em “A árvore da serra”, poema merecidamente famoso, também há uma forte ligação entre uma árvore e o personagem **filho**, que luta contra o desejo de seu pai de matá-la. A ligação é tão forte que o personagem morre juntamente com ela, derrubada por um “machado bronco”: “O moço triste se abraçou com o tronco/ E nunca mais se levantou da terra!”.

Em “A floresta”, o eu lírico, diferentemente, não se conecta às árvores, mas as observa atentamente no conjunto de uma floresta, ratificando a influência que elas exercem sobre o homem: “Araucárias [...] Tornam todas as almas pensativas!”. O mistério que ronda a vida vegetal (“enigma das folhagens”) guarda segredos insondáveis, como o possível fato de as árvores conterem sentimentos oriundos do homem: “Todo o organismo florestal profundo/ É dor viva, trancada num disfarce.../ Vivem só, nele, os elementos brancos/ – As ambições que se fizeram troncos,/ Porque nunca puderam realizar-se!”.

Em “Minha árvore”, o eu lírico se metamorfoseia em árvore (“Hão de encontrar as gerações futuras/ Só, minha árvore humana desfolhada!/ Mulher nenhuma afagará meu tronco!”) e é transpassado por angústia e solidão: “Folhas e frutos, sobre a terra ardente/ Hão de encher outras árvores! Somente/ Minha desgraça há de ficar sozinha!”.

Essa identificação/ligação do eu lírico em relação à figura da árvore remete-nos ao conceito de *bush soul* (“alma do mato”). Jung explica que, entre os povos primitivos,

[...] a “alma” (ou psique) não é compreendida como uma unidade. Muitos deles supõem que o homem tenha uma “alma do mato” (*bush*

soul) além da sua própria, alma que se encarna num animal selvagem ou numa árvore com os quais o indivíduo possui alguma identidade psíquica (JUNG, 2008, p. 23).

O etnólogo francês Lucien Lévy-Bruhl (*apud* JUNG, 2008, p. 23) também acredita que haja uma espécie de “participação mística” na psique humana, o que se deve à interferência de um outro, externo, diferente de nós, em nossa constituição psíquica, sabendo-se que é “[...] um fenômeno psicológico bem conhecido aquele de um indivíduo identificar-se, inconscientemente, com alguma outra pessoa ou objeto” (JUNG, 2008, p. 23).

Ainda que exista – em uma referência biográfica – certa diferença entre os povos primitivos e o contexto sociocultural em que Augusto dos Anjos estava inserido, as teorias dos arquétipos e do inconsciente coletivo permitem-nos estabelecer tal relação, principalmente em se tratando de ficção ou poesia, em que nem sempre as analogias biográficas são autorizadas ou pertinentes.

Confrontado o símbolo da árvore nos poemas acima, percebemos que a imagem se distingue: no poema de Lourival, a mangueira contém positividade e é depositária de boas recordações, oriundas de acontecimentos agradáveis vividos pelo eu lírico. Este, todavia, nos poemas citados de Augusto dos Anjos, remete à árvore certa negatividade, ligando a ela a inexorabilidade da morte, angústia e solidão. Nesse caso, a simbologia arbórea apresenta dissenso, predominando a associação subjetiva, individualizada, na qual se revelam símbolos naturais, que:

[...] são derivados dos conteúdos inconscientes da psique e, portanto, representam um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais. Em alguns casos pode-se chegar às suas origens mais arcaicas – isto é, a ideias e imagens que vamos encontrar nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades (JUNG, 2008, p. 117).

O que a poesia lírica expressa são estados anímicos e sentimentos partilhados por todo homem; nela, o que se torna proeminente é a forma por meio da qual eles são expressos. Sabendo-se que “manifestações emocionais, a que pertencem esses esquemas de pensamentos, são reconhecidamente as mesmas em toda parte” (JUNG, 2008, p. 93), é o modo de o poeta expressar-se que se torna relevante, colocando, por vezes, em segundo plano o próprio conteúdo dos poemas.

Assim, se o âmbito conteudístico da poesia pode ser considerado, por vezes, um tanto comum, trivial porque partilhado por muitos, seu caráter formal e linguístico, o trato com a linguagem, a sonoridade das palavras e a própria imagem sob a qual um fato banal ou objeto corriqueiro é apreendido, tudo isso torna esse objeto ou fato singularmente artístico, artisticamente singular, dando-lhes novos traços por serem vistos através de perspectivas não usuais. Dessa forma, o poeta, mesmo que lide com símbolos coletivos, evidencia, em sua arte, sua individualidade criativa.

UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE AVES

Em “Eulina”, é-nos apresentada a imagem de uma ave agourenta, que traz maus presságios a quem ouve o seu canto. Contudo o eu lírico não é afetado por ela, e mantém-se firme em sua tristeza, sofrimento e choro, os quais não se devem à ave, mas sim à ausência de sua amada, Eulina (veja-se a importância dada a esta desde o título do poema):

EULINA

Ave noturna, agoureira,
 Não me apavora o teu canto,
 Mais desastres não receia
 Quem de amor desfaz-se em pranto.

Se a natureza fadou-te
 Para males empregares,
 Não assustam teus pregões
 A quem sofre agros pesares.

Ervada seta de amor
 Meu triste peito feriu.
 Ao acúleo da saudade
 Minh'alma já sucumbiu.

Ave tristonha e sinistra:
 Carpe tua negra sina
 Chora, que eu choro também,
 A longa ausência de Eulina.

(AÇUCENA, 1986)

Diferentemente, em “O canto da coruja”, poema narrativo, a personagem é afetada pelo canto da ave, o que resulta em morte:

O CANTO DA CORUJA

A coruja cantara-lhe na porta
 Sinistramente a noite inteira! Indício
 Mais certo não havia! – Era o suplício!...
 Daí a pouco, ela seria morta.

Saiu. O Sol ardia. A estrada torta
 Lembrava a antiga ponte de Sublício...
 Havia pelo chão um desperdício
 De folhas que a áurea xantofila corta.

Nisto, ouve o canto aziago da coruja!
 – Quer fugir, e não vê por onde fuja.
 Implora a Deus como a um fetiche vago...

– Se ao menos voasse! – E horror começa! Rasga
 As vestes; uma convulsão a engasga
 E morre ouvindo o mesmo canto aziago!

(ANJOS, 2011, p. 305)

Imagem semelhante é veiculada em “Ave dolorosa” e em “Asa de corvo”, nos quais o mau agouro da ave é reiterado:

AVE DOLOROSA

Ave perdida para sempre – crença
 Perdida – segue a trilha que te traça
 O Destino, ave negra da Desgraça,
 Gêmea da Mágoa e nuncia da Descrença!

Dos sonhos meus na Catedral imensa
 Que nunca pouses. Lá, na névoa baça,
 Onde o teu vulto lírido esvoaça,
 Seja-te a vida uma agonia intensa!

Vives de crenças mortas e te nutres,
 Empenhada na sanha dos abutres,
 Num desespero rábido, assassino...

E hás de tombar um dia em mágoas lentas,
 Negrejada das asas lutulentas
 Que te emprestar o corvo do Destino!

(ANJOS, 2011, p. 272)

ASA DE CORVO

Asa de corvos carnicheiros, asa
 De mau agouro que, nos doze meses,

COSTA, A. L. Paralelos entre aves, paralelos entre árvores...

Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes
O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses,
É meu destino viver junto a essa asa,
Como a cinza que vive junto à brasa,
Como os Goncourts, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto
E a indústria humana faz o pano preto
Que as famílias de luto martiriza...

E ainda com essa asa extraordinária
Que a Morte – a costureira funerária –
Cose para o homem a última camisa!

(ANJOS, 2011, p. 66)

A ave veiculada em “Ave dolorosa” é uma metáfora para uma “crença perdida”, que perpassa a existência do homem, o qual deixa de acreditar em muitas coisas ao longo da vida.

Havendo confluência do significado do símbolo da ave nos poemas abordados, pode-se dizer que este seja um símbolo cultural, lembrando-se das crenças populares que relacionam certas aves com sinais de mau agouro ou de presságios, como se vê em diversas sociedades (vejam-se resquícios dessa tradição popular em nossa sociedade moderna e até na comunidade grega clássica, como está registrado na tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles).

Sendo os símbolos culturais aqueles que passaram “por inúmeras transformações e mesmo por um longo processo de elaboração mais ou menos consciente, tornando-se assim imagens coletivas aceitas pelas sociedades civilizadas” (JUNG, 2008, p. 117), vemos a ave cujo canto é anúncio de morte e desgraças como um símbolo partilhado entre os poemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos poemas estudados, percebemos variadas associações entre os símbolos da árvore e da ave, algumas semelhanças e algumas diferenças entre o modo como Augusto dos Anjos e Lourival Açucena as representam. As diferenças justificam-se pela singularidade de cada poeta, pela expressão pretendida por cada um deles, pela subjetividade de cada indivíduo. As semelhanças quiçá se justifiquem pela proximidade

COSTA, A. L. Paralelos entre aves, paralelos entre árvores...

espacial, temporal e cultural entre eles (brasileiros, especificamente nordestinos, e viventes dos séculos XIX e XX), ou talvez pelo fato de ambos partilharem de experiências e sentimentos comuns ao ser humano enquanto espécie, o que extrapolaria as dimensões temporais e espaciais, unindo o homem sob o denominador comum de **humanidade**, conectada por símbolos arquetípicos cujo um de seus múltiplos âmbitos em que se revelam a nós é a arte, a literatura.

REFERÊNCIAS

AÇUCENA, Lourival. Lorenio (Joaquim Eduvirges de Mello Açucena). *Versos: reunidos por Luís da Câmara Cascudo*. 2. ed. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1986.

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Pós-românticos no Rio Grande do Norte. In: LINO, Joselita Bezerra da Silva; SILVA, Francisco Ivan da (org.). *Múltipla palavra: ensaios de literatura*. João Pessoa: Ideia, 2004, p. 93-104.

FREEMAN, John. Introdução. In: JUNG, Carl Gustav et alii. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 7-12.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav et alii. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-131.